

Preços Licenças (EUAs) e Certificados (CERs) - Maio 2012 a Out 2012



valores em €	31-Out	MoM	%
EUA Spot	8,20	0,80	10,8%
Fut 2012	8,05	0,09	1,1%
Fut 2013	8,39	0,05	0,6%
Fut 2014	8,83	-0,01	-0,1%
CERs Spot	1,21	-1,08	-47,2%

	31-Out	%
UK Gas (GBP p/th)	66,03	6,4%
Carvão (API2 USD/t)	77,25	-11,7%
Brent (USD/barrel)	108,17	-3,75%
Crude (USD/barrel)	87,09	-5,5%
German Baseload	46,65	-2,61%

Mercados de CO₂

INFORMAÇÃO IMPORTANTE: A NYSE Euronext (NYX) e a Caisse des Depots vão encerrar os serviços da Bluenext, bolsa de carbono, a partir do dia 5 de Dezembro. A Ecotrade está a estudar todas as opções possíveis para continuar a servir da melhor forma os seus clientes.

As CERs e ERUs atingiram os seus níveis mais baixos. O preço das ERUs foi reduzido em metade e as CERs caíram mais de 40%. (cont. pág. 2)

World Travel Market recebe a quinta cimeira de ministros do turismo

A Organização Mundial do Turismo (OMT) encontra-se a realizar a quinta cimeira de ministros subordinada ao tema “**Fronteiras e céus abertos: derrubar barreiras às viagens**”, novamente no World Travel Market (WTM) em Londres, desde o dia 5 até 8 de Novembro.

A cimeira reúne ministros e hoteleiros do sector do turismo a nível mundial e visa debater medidas e princípios em que o sector se deve sustentar para recuperar e ultrapassar a crise mundial. (cont. pág 2 e 3)

O pesadelo que caiu do céu

“The presidential candidates decided not to speak about climate change, but climate change has decided to speak to them” em The Nation, *We Are All from New Orleans Now: Climate Change, Hurricanes and the Fate of America’s Coastal Cities*.

O furacão Sandy fez pelo menos 50 mortos nos Estados Unidos e a tempestade é hoje conhecida como uma das mais devastadoras no país. Ainda é prematura uma avaliação global dos estragos mas alguns economistas estimam perdas económicas entre 23 a 38 mil milhões de euros. Para referência, o furacão *Katrina* que devastou Nova Orleães em 2005, causou danos de 83 mil milhões de euros, tornando-se no acontecimento mais caro da história das catástrofes naturais.

Nova Iorque paralisou com a passagem do furacão e assistiu à devastação. Barack Obama decretou estado de grande calamidade em New Jersey e Nova Iorque e suspendeu a sua campanha eleitoral durante dias. (cont. pág.3 e 4)

Mercados de CO₂ (cont.)

O preço spot das Licenças de Emissão (EUAs) encerrou o mês a €8,20, uma subida de 10,8% em relação ao mês passado, mas o mercado de créditos de Quioto (CERs e ERUs) teve uma queda substancial, em resultado da forte venda de ERUs dado que a Ucrânia emitiu quase 18 milhões de créditos a mais do que o esperado no mercado. Enquanto a UE estuda proibir as empresas de utilizar créditos de Implementação Conjunta (ERUs) no próximo período, um painel da ONU informou que a emissão de ERUs mais do que duplicou no ano passado, destacando o enorme aumento na oferta num momento de pouca procura.

As reuniões de ministros europeus não ofereceram progressos sobre a elegibilidade dos créditos de Quioto ou sobre a proposta de adiamento. Os Ministérios da Itália e Grã-Bretanha têm insistido que as negociações se devem concentrar na retirada de licenças mas parece que é só no final de Novembro, com as negociações sobre as alterações climáticas em Doha, que a clarificação sobre o futuro do Protocolo de Quioto e os seus instrumentos vai aparecer.

De acordo com um calendário legislativo no site do Parlamento, a UE vai votar em Fevereiro sobre se a Comissão tem o poder legal de intervir no mercado de carbono da Europa, provavelmente atrasando o controverso plano para sustentar os preços de CO₂. Segundo o site do Parlamento, o voto da comissão sobre o projecto de lei terá lugar no dia 19 de Fevereiro, e é esperada uma votação parlamentar após essa data, aumentando a perspectiva de que os cortes podem não ocorrer até meados de 2013, no mínimo, seis meses mais tarde do que as expectativas do mercado.

A Comissão Europeia disse que vai apresentar este ano um plano para adiar a venda de centenas de milhões de licenças de carbono no seu Esquema de Comércio de Emissões para sustentar os preços. Os preços foram reduzidos pela metade a partir de 16 € há pouco mais de um ano atrás, depois de uma desaceleração económica e um corte na produção industrial europeia o que reduziu a procura de licenças. Mas após ameaças de acções legais por parte da indústria de aço, a Comissão foi obrigada a procurar esclarecimentos jurídicos do Parlamento e do Conselho Europeu.

Os preços das EUAs recuperaram perto do final do mês com a realização do primeiro leilão de licenças da Fase 3 (volume de 3 milhões) que fechou em €7,54. Um total de 23 milhões de toneladas vão ser leiloadas; os leilões terão lugar todas as semanas à sexta-feira, até meados de Dezembro.

A Alemanha entretanto vendeu 2.5 milhões de licenças da aviação por €7,01. A Comissão vai vender 11.4 milhões de licenças da aviação em 5 leilões.

As emissões de gases com efeito de estufa (GEE) na União Europeia (UE) caíram, em média, 2,5% entre 2010 e 2011, apesar de alguns países terem aumentado as suas emissões, revelou o balanço anual europeu do cumprimento do Protocolo de Quioto.

As emissões diminuíram na maioria dos Estados-membros: Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Dinamarca, Grécia, Finlândia, França, Hungria, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Malta, Holanda, Suécia e Reino Unido.

As emissões mantiveram-se estáveis em Portugal, Eslováquia, Letónia e Espanha.

Os factores económicos foram determinantes em alguns países mas a agência sublinha que a economia da UE cresceu 1,5% enquanto as emissões caíram 2,5%. “A maioria dos países que registaram reduções maiores tiveram crescimento positivo em 2011”, lê-se no relatório da agência.

Maria João Ramos

Comunicação

mramos@ecoprogresso.pt

World Travel Market recebe a quinta cimeira de ministros do turismo (cont.)

Durante a feira e numa iniciativa da OMT que pretende promover o turismo, são também promovidas várias actividades relacionadas com o programa da Rota da Seda. As temáticas em debate durante toda a cimeira dividem-se maioritariamente em:

- Cooperação entre países de forma efectiva como forma de avançar na legislação de vistos;
- Exemplos positivos de simplificação das viagens e a sua incidência na procura e no emprego;
- Políticas actuais de transporte aéreo;
- Medidas necessárias para avançar em direcção a um mundo com melhores ligações;
- Promoção do turismo na rota da seda;
- Promoção de soluções energéticas para hotéis.

World Travel Market recebe a quinta cimeira de ministros do turismo (cont.)



No dia 8 de Novembro a OMT promove um seminário relativo ao tema **“A inovação verde no turismo: maior competitividade e menor custo”**. Durante este seminário a OMT apresenta a sua aplicação online: **“Soluções energéticas para hotéis”**. Esta solução traduz-se numa aplicação gratuita lançada no ano 2011 e que visa fortalecer os hotéis de soluções que conduzam à redução das respectivas pegadas de carbono, aumentando simultaneamente as receitas.

Relativamente à participação portuguesa, estão presentes 46 empresas que representam os sete destinos turísticos regionais. Entre eles encontram-se companhias aéreas, operadores e agentes de viagens, empreendimentos turísticos e rent-a-car. A secretária de estado do turismo, Cecília Meireles, deslocou-se à feira nos primeiros dois dias para reuniões com entidades oficiais, representantes de operadores e agências de viagens britânicos e contactos com empresários portugueses. Participou ainda na cimeira da Organização Mundial do Turismo, que decorreu no dia 6.

Desta forma, e com o objectivo de desenvolver o sector das viagens e turismo após a recessão mundial, esta cimeira apresenta especial importância no desenvolvimento do nosso país. No sentido de desenvolver políticas energéticas que simplificam rotas, melhoram ligações, aumentam a procura e o emprego, torna-se imperativo que soluções mais energeticamente eficientes se tornem uma realidade. Alertando para as necessidades futuras, apresenta-se uma vez mais a importância da consideração da eficiência energética e redução das emissões de carbono nos vários projectos, privilegiando-se a integração das componentes ambiental, financeira e social.

Marina Alves
Consultora

malves@ecoprogresso.pt

O pesadelo que caiu do céu (cont.)

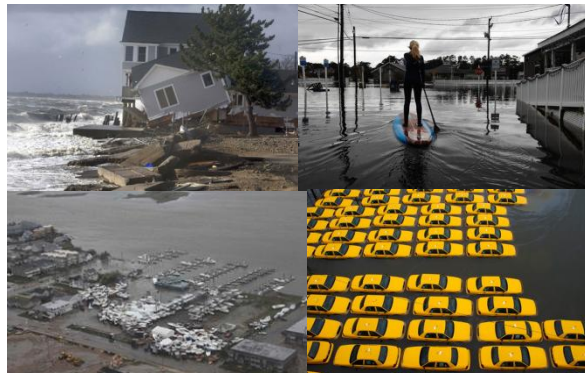
Wall Street ficou submersa e encerrou durante dois dias e assim que reabriu os efeitos do Sandy foram visíveis nos mercados através da subida dos preços da energia e do aumento da procura de obrigações dos EUA, já que a incerteza levou os investidores a procurar refúgio em activos seguros. Foi a primeira vez que a bolsa de Nova Iorque encerrou desde o 11 de Setembro.

Os prejuízos causados pelo Sandy são enormes, a perda de actividade económica, resultante do fecho do comércio e cancelamento de voos, a destruição e danos em propriedades, incluindo casas, carros e empresas, cortes de estradas, inundações e a suspensão dos transportes públicos. Milhares de pessoas tiveram de abandonar as casas devido ao aumento do nível dos rios e lagos, cidades inteiras ficaram inundadas e com as estradas de acesso cortadas. E o que a chuva e o vento não destruíram foi, em alguns locais, arrasado por incêndios causados por curto circuitos e explosões de gás que só numa pequena localidade queimaram mais de 100 casas. As ligações ferroviárias ficaram inutilizáveis durante muitas horas e o metropolitano ficou tão inundado que algumas estações pareciam aquários.

Três reactores nucleares foram paralisados no noroeste dos Estados Unidos o que provocou cortes de energia eléctrica em mais de oito milhões de casas no país e uma central eléctrica em Nova Iorque explodiu devido à subida das águas.

A cidade que nunca pára teve mesmo de parar.

Durante dias discutiu-se se este furacão tinha força suficiente para influenciar as eleições americanas e dar a vitória a Romney. Hoje sabemos que não. Mas muitos foram os comentadores políticos a especular sobre se o furacão Sandy seria melhor para Romney ou para Obama e muitos estão esperançados que o susto e as consequências tenham sido suficientes para voltar a colocar o tema das alterações climáticas na agenda política novamente.



O pesadelo que caiu do céu (cont.)

Ouviram-se muitas vozes de descontentamento em relação ao facto de Mitt Romney e Barack Obama nem sequer terem abordado o tema no debate televisivo sobre política nacional. Aliás, sobre não terem abordado o tema em nenhum dos debates.

O Presidente Barack Obama foi rápido na acção mas não disse nada sobre clima.

A tempestade Sandy revelou que as alterações climáticas foram completamente ignoradas durante a campanha. Num ano em que as temperaturas bateram recordes nos EUA nenhum dos candidatos achou o assunto importante o suficiente para o trazer para discussão. O presidente Obama apenas referiu na MTV que as alterações climáticas são um assunto demasiado importante e mostrou-se surpreendido que o tema não tenha sido discutido em nenhum dos debates, uma resposta que foi considerada inadequada levando vários críticos a dizerem que ele deveria ter sido o primeiro a trazer o assunto para cima da mesa de debate.

Mitt Romney só tocou no assunto para tentar por a plateia a rir sobre o Presidente Obama na Convenção Nacional Republicana, afirmando: "President Obama promised to begin to slow the rise of the oceans and heal the planet.". "My promise is to help you and your family".

Tom Zeller and Joanna Zelman do The Huffington Post's afirmaram que "climate change did not get mentioned in any of the debates this cycle, the first time that's happened in a generation. Not a thing, not a peep about what will be the most critical foreign-policy issue of the decades to come. Melting Arctic ice, natural disasters and resource scarcity are all going to create endless problems (and opportunities, but mostly problems) for our foreign and economic policies in the years to come. But we'll deal with that in 2016, I guess?"

Bill Clinton, no entanto, saiu ao ataque contra Mitt Romney: "Ridicularizou o Presidente por causa dos seus esforços para lutar contra o aquecimento global de formas economicamente vantajosas", acusou. Já o governador de Nova Iorque, o democrata Andrew Cuomo, a lidar com uma situação de emergência no seu estado, afirmou: "Parte do que temos a aprender com esta situação é reconhecer que as alterações climáticas são uma realidade".



Al Gore publicou no seu site o seguinte comentário: "Hurricane Sandy is a disturbing sign of things to come. We must heed this warning and act quickly to solve the climate crisis. Dirty energy makes dirty weather."

Nicholas Stern também aproveitou o Inter-climat 2012, e disse a propósito do furacão Sandy, que "o preço da ignorância dos efeitos das alterações climáticas vai traduzir-se pela subida da temperatura no mundo, o que só vai agravar a situação".

Foi preciso um trágico acontecimento para que as alterações climáticas voltassem a estar no centro do mundo.

De qualquer forma, muitos cientistas diziam que era uma questão de tempo: Nova Iorque e a costa de New Jersey são zonas vulneráveis que, mais tarde ou mais cedo, seriam atingidas.

Em Setembro deste ano o New York Times publicou um artigo precisamente a alertar para o risco de inundações que poderiam paralisar os transportes, Wall Street e afastar centenas de milhares de pessoas das suas casas.

http://www.nytimes.com/2012/09/11/nyregion/new-york-faces-rising-seas-and-slow-city-action.html?_r=1&pagewanted=all

O que Nova Iorque e New Jersey demonstraram já é que a subida do nível do mar e a da temperatura das águas potenciará a erosão costeira e a necessidade de defesa do litoral. Se em 2080 o nível do mar tiver subido 1,2 metros, 34% das ruas de Nova Iorque estarão na zona de risco de inundação, quando agora isso acontece apenas com 11%, dizia um estudo encomendado pelo estado de Nova Iorque em 2011.

Agora, fala-se em Nova Iorque de construir protecções contra inundações ao longo da sua costa de mais de 800 quilómetros, delineada por estradas cheias de tráfico e infra-estruturas frágeis, relata o *New York Times*. "A cidade foi construída só uns metros acima da linha de água. É algo em que temos de começar a pensar", disse o governador de Nova Iorque.

O Centro Nacional para a Investigação Atmosférica (NCAR), dos EUA, revelou que o aumento da temperatura do planeta contribui para que um furacão como o Sandy veja a sua força crescer em até 10% – o suficiente para ampliar os estragos em 60%. Segundo o Painel Intergovernamental das Alterações Climáticas (IPCC), existe uma relação provável entre as alterações climáticas e os furacões. A organização prevê que estes fenómenos sejam cada vez mais intensos e comuns ao longo deste século XXI.

Não deixa de ser irónico que o lançamento do relatório de investigação sobre alterações climáticas "Climate and Social Stress: Implications for Security Analysis" do National Research Council com o apoio da CIA tenha sido adiado precisamente devido ao furacão.

O pesadelo que caiu do céu (cont.)

O reeleito presidente Barack Obama falou finalmente de alterações climáticas no seu discurso de vitória. O presidente declarou que "We want our children to live in an America that isn't burdened by debt, that isn't weakened by inequality, that isn't threatened by the destructive power of a warming planet." E acrescentou que está "more determined and more inspired than ever" para dar atenção a temas claramente importantes como "freeing ourselves from foreign oil".

Barack Obama tem mais 4 anos para voltar a colocar o tema na agenda política e nas prioridades dos americanos. Já percorreu uma pequena parte do caminho mas na opinião dos peritos, os EUA precisam de uma estratégia forte na política climática e da energia.

E enquanto uns tentam desviar as atenções com "manobras de diversão",



a nós ainda nos resta a esperança das palavras do presidente.... "The best is yet to come".



Referências:

Fotos: Reuters

<http://www.businessinsider.com/photos-jersey-shore-hurricane-sandy-2012-10>

<http://www.publico.pt/Mundo/sandy-entre-as-tempestades-mais-devastadoras-1569443>

<http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=56070&op=all>

<http://www.businessgreen.com/bg/news/2221583/sandy-puts-climate-change-back-on-the-us-election-agenda>

http://www.huffingtonpost.com/2012/10/22/seven-and-a-half-things-you-need-to-know_n_2003482.html

<http://www.idigitaltimes.com/articles/12086/20121023/final-presidential-debate-climate-change-burning-issue.htm>

<http://www.publico.pt/Mundo/o-aquecimento-global-esta-a-afectar-a-costa-leste-e-os-americanos-nem-dao-por-isso-1569678?p=2>

<http://www.businessgreen.com/bg/news/2221583/sandy-puts-climate-change-back-on-the-us-election-agenda>

http://www.huffingtonpost.com/2012/10/31/climate-change-security-report-sandy_n_2050998.html#slide=1701669

http://economico.sapo.pt/noticias/sandy-com-impacto-economico-limitado_155162.html

<http://www.wri.org/press/2012/11/statement-president-obama-elected-second-term>

<http://greensavers.sapo.pt/2012/11/07/eua-obama-fala-finalmente-das-alteracoes-climaticas-no-discurso-de-vitoria/>

Maria João Ramos
Comunicação

mramos@ecoprogresso.pt

Roteiro de Baixo Carbono

A Resolução do Conselho de Ministros n.º 93/2010, de 26 de Novembro determinou a elaboração do Roteiro Nacional de Baixo Carbono 2050 (RNBC), com o objectivo de se avaliar a viabilidade técnica e económica de trajectórias de redução das emissões de gases com efeito de estufa (GEE) em Portugal até 2050, conducentes a uma economia competitiva e de baixo carbono. A elaboração do estudo contou com a participação de vários agentes da economia e da administração, associações industriais e organizações não-governamentais.

Alinhado com o objectivo da União Europeia de reduzir as emissões de gases com efeito de estufa em 80% - 95% em 2050, face aos níveis de 1990, o RNBC pretende apontar orientações para os vários sectores de actividade e servir como base de trabalho para a definição das estratégias sectoriais de baixo carbono.

O RNBC foi apresentado no passado dia 2 de Julho e esteve em consulta pública até ao dia 15 de Setembro de 2012, a qual aparentemente superou as expectativas quer em número de participantes quer na contribuição com comentários ao estudo.

O estudo apresentado pelo RNBC contempla os sectores da electricidade e produção de calor, indústria e processos industriais, transportes, edifícios, refinação, agricultura e resíduos. Este considerou dois modelos de desenvolvimento contrastantes a nível económico e social, traduzindo trajectórias que delimitam, de forma aproximada, o intervalo onde se situará, com razoável probabilidade, a trajectória futura do País. O cenário Alto traduz uma evolução mais arrojada do PIB a uma taxa de 3%/ano para o período 2016 a 2050 e um aumento da população. O cenário Baixo pauta-se por um crescimento económico inferior, considerando uma taxa de crescimento do PIB de 1%/ano para o mesmo período, e por um decréscimo da população.

O estudo indica que existe viabilidade técnica e económica para reduções globais de emissões entre 50% e 60% (considerando restrições de 60-70% no sector energético) face às emissões registadas em 1990. Estes valores estão em linha com os objectivos europeus e com a convergência a longo prazo das emissões *per capita* a nível global, cerca de 2 toneladas de CO₂/hab. Para atingir estas metas as soluções apontadas pelo estudo passam por uma maior eficiência energética associada à introdução de novas tecnologias, pela gestão mais eficiente dos recursos e pela crescente electrificação acompanhada de uma maior penetração de fontes de energia renovável.



Roteiro de Baixo Carbono (cont.)

Em síntese, o RNBC expõe uma série de elementos importantes a ter em conta no planeamento das acções de Portugal destinadas a fazer face às alterações climáticas, apontando orientações estratégicas para que, em 2050, Portugal tenha uma economia simultaneamente de baixo carbono e competitiva. Esta transição para uma economia de baixo carbono e competitiva implica uma maior atenção às políticas de eficiência energética e de gestão eficiente de recursos. Mais informações em:

<http://www.apambiente.pt/index.php?ref=16&subref=81&sub2ref=117&sub3ref=301>

Ivo Augusto
Consultor
iaugusto@ecoprogresso.pt

Iniciativas de compensação de emissões de gases com efeito de estufa: Desenvolvimento sustentável ou Greenwashing? – O caso Português

Rafaela Feliciano, mestranda do ISEC no curso de Gestão Integrada da Qualidade, Ambiente e Segurança e investigadora convidada no CIGEST – Centro de Investigação em Gestão do ISG – Business & Sustainability School está a desenvolver um projecto de investigação inovador em parceria com a Ecoprogresso, SA centrado no tema da compensação de emissões de GEE. A fase de divulgação dos questionários que irão fundamentar a sua tese “Iniciativas de compensação de emissões de Gases com Efeito de Estufa: Desenvolvimento sustentável ou Greenwashing? – O caso português” está a decorrer. Pretende-se com esta investigação perceber a evolução do mercado de compensações das emissões de GEE em Portugal considerando as políticas das empresas bem como as perspectivas do consumidor (cidadão) final. Esta tese procura responder aos seguintes objectivos:

- Caracterizar a posição das empresas portuguesas relativamente aos mecanismos de compensação das emissões de gases com efeito de estufa;
- Avaliar as metodologias utilizadas pelas empresas;
- Caracterizar as campanhas de marketing associadas a estes mecanismos aplicadas pelas empresas portuguesas;
- Identificar o grau de conhecimento e confiança dos consumidores nestes mecanismos.

No seguimento do processo de investigação, é importante recolher o maior número possível de questionários, de forma a ter uma amostra o mais representativa possível. Agradecemos a sua colaboração na persecução deste tema tão relevante para a economia Portuguesa.

Link para o questionário das empresas:
<https://www.surveymonkey.com/s/B7TYT2B>

O questionário irá decorrer até ao próximo dia 20 de Novembro.

Carbonfree em Novembro

- A Actividade de impressão da Nova Gráfica de 2011 foi mais uma vez livre de emissões de carbono;
- O Diário da Natureza de 2013 dedicado ao continente Africano é pela primeira vez Carbonfree;
- Recorrendo ao Carbonfree, a Planbelas SA, adquiriu 1000 créditos de carbono visando tornar a sua actividade neutra em carbono;



NOTA: Os textos desta newsletter não foram escritos de acordo com o novo acordo ortográfico.

A Ecoprogresso é uma empresa:



Para mais informações contacte:

Maria João Ramos | Departamento de Comunicação
mramos@ecoprogresso.pt
T +351 217 981 210



Para Trading de Licenças contacte:

Front Office
frontoffice@ecotrade.pt
T +351 217 981 212